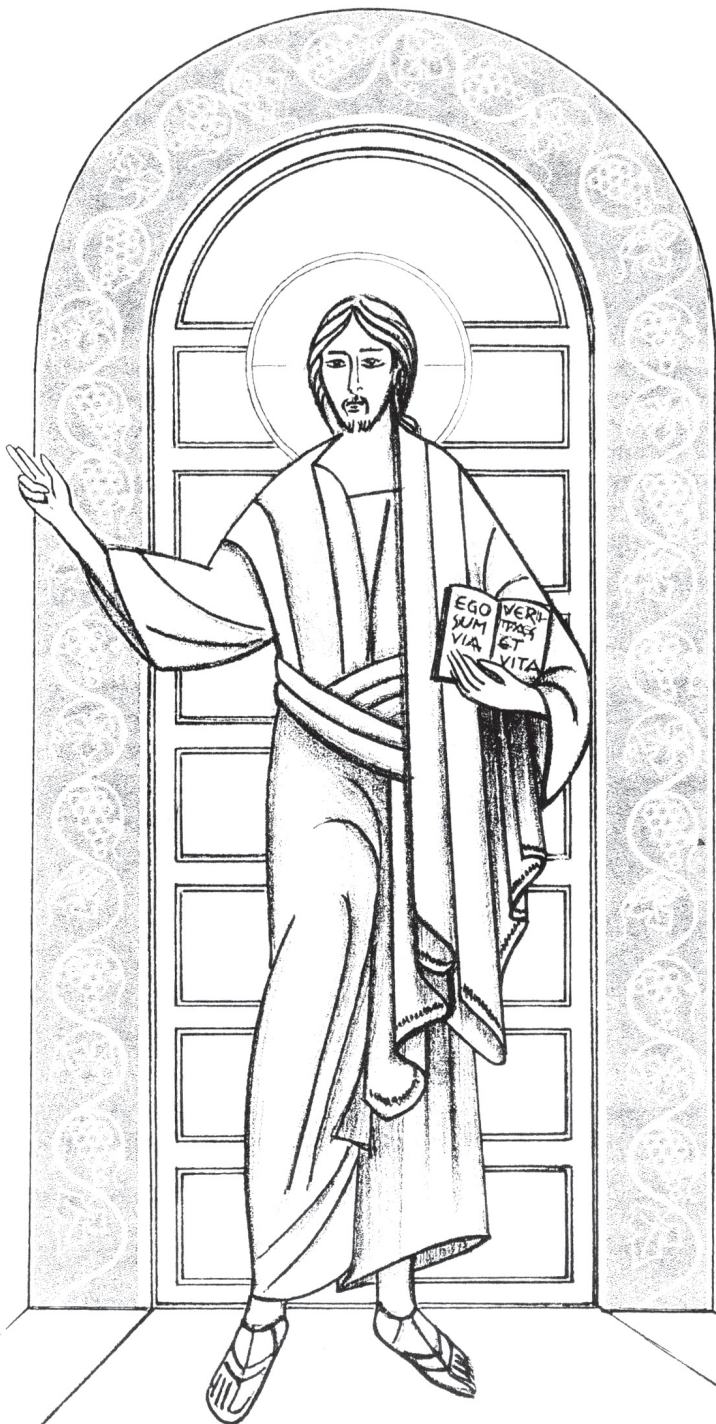


FAMÍLIA PAULINA

CENTRO DE ESPIRITUALIDADE



Capa

Ir. Laíde Sonda, pddm

O desenho da capa traduz o cerne da espiritualidade da Família Paulina: Jesus Mestre (livro, mão direita) e Pastor (porta), Caminho, Verdade e Vida (texto do livro aberto). O próprio Jesus se apresenta como porta (João 10,7b) aberta, em oposição à porta fechada (fundo do desenho), que impede às ovelhas sair para a liberdade e a vida. A videira recorda uma das utopias concretizadas das comunidades joaninas: formar comunidades de iguais, em que o único *status* que iguala a todos é a união com Jesus (ramos unidos à videira) e a produção de frutos (missão).

Equipe de Espiritualidade

Pe. Antônio Lúcio da Silva Lima (Paulino – São Paulo)

Pe. Valdecir Pereira Uveda (Paulino – Caxias do Sul)

Ir. Maria Inês Carniato (Paulina – São Paulo)

Ir. Maria Aparecida Batista (Discípula – São Paulo)

Ir. Lídia Natsuko Awoki (Discípula – Caxias do Sul)

Ir. Luiza dos Santos (Pastorinha – São Paulo)

Ir. Inês Postal (Pastorinha – Caxias do Sul)

Ir. Susana Santa Catarina (Apostolina – São Paulo)

Texto: Pe. Roatta, *Jesus Mestre Caminho, Verdade e Vida*, Edições Paulinas, São Paulo, 1976, pp. 5-29.

INTRODUÇÃO

“CAMINHO - VERDADE - VIDA” INÚTIL ENIGMA OU CONTEÚDO VOCACIONAL DA FAMÍLIA PAULINA?

É impressionante o uso que fez Pe. Alberione da palavra de Jesus Cristo, “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”, tanto do ponto de vista da quantidade, pois lhe assinala toda a pregação, os escritos, as circulares, a autobiografia, o epistolário, como do ponto de vista da insistência com que nela se concentrou, fazendo passar por aquele trinômio os artigos fundamentais das Constituições, as linhas da formação, da espiritualidade e do apostolado que queria transmitir, e até o próprio fim global da Família Paulina.

Se tentasse alguém expurgar de suas páginas esta palavra de Jesus Cristo, a exposição tornar-se-ia ininteligível, e se procurasse um acordo fundamental com Pe. Alberione, não o obteria mais.

Naturalmente, quem, vindo de fora, conhecesse esta premissa e lançasse um olhar sobre os artigos das Constituições Paulinas acerca da piedade, do estudo e do apostolado, poderia esperar, após o ingresso em nossas comunidades, achar grupos religiosos intensamente impregnados desta ideia evangélica transmitida pelo Fundador. Mas então, deparar-se-lhe-ia outro aspecto, também impressionante, deste programa espiritual “Caminho – Verdade – Vida”: a Família Paulina, na praxe, não o adotou.

Perguntas necessárias

Ao começar a estudar a posição de Pe. Alberione acerca de Cristo “Caminho, Verdade e Vida”, coloquei-me deliberadamente defronte

desta divergência que, embora varia aqui e ali de matizes, não é agradável nem encorajadora. Pe. Alberione falou, escreveu, insistiu; sua Família religiosa permanece hesitante, sem corresponder.

Que há nesse estranho nó dialético criado em torno do modo de nos abirmos a Cristo e de inseri-lo em nossa vida e em nossa ação apostólica? Parece-me que deveria concentrar-se aqui o esforço crítico da pesquisa. Não será, talvez, pela análise de um contraste desta natureza que poderá surgir de maneira mais realista qualquer coisa que interesse intimamente a nossa vida?

Para compreender de algum modo esta situação de fato, parece-me útil propor perguntas claras e sinceras, capazes talvez de desimpedir o caminho para melhor se captarem as perspectivas espirituais de Pe. Alberione.

As perguntas mais lógicas, na circunstância, são a meu ver, as seguintes:

1. A Família Paulina tem boas razões para este estado de perplexidade ou de recusa a uma resposta?
2. Em que medida, a personalidade do Pe. Alberione – caráter tenaz e voluntarioso, fiel a si mesmo, aos seus princípios e as suas modalidades do alvorecer ao crepúsculo – pode ter definido a transmissão desta espiritualidade apostólica?
3. Quanto à proposição “Caminho, Verdade e Vida”, pode tratar-se de um autêntico dom do Espírito Santo no atual tempo da Igreja e do qual Pe. Alberione foi instrumento?
4. Sob outros pontos de vista, por exemplo, o da observação de necessidades específicas da Igreja hodierna, a doutrina “Caminho, Verdade e Vida” aparece qual germe fecundo dotado de reflexos favoráveis no campo do apostolado?
5. Sendo assim, os Paulinos teriam de receber simplesmente a moldura esquemática que lhes transmitiu Pe. Alberione, ou deveriam aprofundar, adaptar, ou inteiramente criar este tipo de impulso espiritual para nossos dias?

Talvez julgue alguém este modo de empreender o estudo do julgamento do Pe. Alberione acerca do tema muito mais dramático do que seria justo. Mas, quem quiser confrontar algumas correntes disposições de espírito na Família Paulina com as seguintes tomadas de posição de nosso Fundador, que servem de índice de suas verdadeiras persuasões, notará as proporções das distâncias e concordará talvez com a tonalidade desta colocação do problema.

“Não é uma bela frase, nem um conselho, é a substância da Congregação. É ser, ou não ser Paulino. Não se façam digressões. O zelo deve ser informado pela devoção de Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida; a disciplina religiosa precisa identificar-se com Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida; a piedade, conformar-se a Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida; e o apostolado dar isto; se não o dá, constitui somente fonte de distração e não é abençoado; quando o comunica, está no caminho, no caminho de Deus, e então haverá bênçãos sobre bênçãos” (Pr DM 73).

“O fruto de nosso apostolado é proporcionado ao seguinte: Apresentar Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida. Só entendida neste sentido, a devoção a Jesus Mestre redundará em grande vantagem espiritual para as almas e corresponderá às necessidades espirituais do homem” (Pr DM 80).

“Leiam-se as explicações sobre o espírito e o método ‘Caminho, Verdade e Vida’. Estas manifestações da divina vontade são para nós uma graça, um dever, uma luz muito intensa” (CISP 81).

“Devemos colocar no lugar de honra, no centro, Jesus Caminho, Verdade e Vida. Então, o Instituto não será uma repetição de outros Institutos” (Pr D 534).

“Os diversos fins (da Família Paulina) convergem para um fim comum e geral: Dar Jesus Cristo ao Mundo, de modo completo, como ele mesmo se definiu: ‘Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida’” (UPS I, 20).

“Conserve-se o Instituto como é. Dividi-lo nas várias partes de seu programa é cortar-lhe as forças” (Pr DM 27).

Desejo tomar com a máxima seriedade estas posições de princípio do Pe. Alberione, tanto mais que tencionam empenhar radicalmente a obra apostólica na qual tomamos parte. Contêm uma intenção que deve ser apreendida. Mas queria avaliar também com todo o respeito as dificuldades nas quais se encontrou a Família Paulina diante da formulação espiritual que recebeu. Existiam, evidentemente, dificuldades consistentes.

Quais as dificuldades?

Ao afirmar que nossa Família religiosa não assimilou a espiritualidade de Cristo Caminho, Verdade e Vida, creio que não falseei a situação.

Estou de acordo em reconhecer que muitas pessoas se esforçaram por fazer a visita ao Santíssimo, o exame de consciência, os propósitos, segundo a divisão e a sucessão de pontos indicados pelo método “Caminho, Verdade e Vida”. Mas, respeitando plenamente estes esforços de aplicação individual, creio ser justo confessar que, no nível da persuasão, isto é, da percepção profunda e criticamente possuída daquele princípio, no nível da formação da personalidade integral e no nível do apostolado, isto é, do serviço espiritual e pastoral prestado à Igreja – onde Pe. Alberione queria situar precisamente sua Família religiosa sobre a base daquela visão evangélica – parece-me que não chegamos.

Há ainda mais. Reações de cansaço por causa de certa nebulosidade de conceitos e frustrações pela impossibilidade ou falta de adequação das aplicações, ou pela insistência exagerada acerca do método, conduziram a momento de recusa nervosa, até causar a impressão de ser de bom gosto, em certas assembleias, não mencionar, a não ser de passagem, o trinômio do Evangelho de são João. O

mal-estar ou a indisposição contra o quadro espiritual “Caminho, Verdade e Vida” fez-se sentir também nas sessões do Capítulo Especial Paulino (1969-1971), quando um orador o focalizou por essa ou semelhantes declarações-sínteses: “A doutrina Caminho, Verdade e Vida a ninguém estorva; será abandonada, sem mais, pelo tempo que comprova”; convite claro à desobrigação e a um sereno esquecimento, isto é, à liquidação mediante uma operação indolor.

A disposição média dos espíritos talvez tenha outra tonalidade, cuja definição mais exata poderá traduzir-se pela palavra “perplexidade”, termo que sugere determinada disposição inicial não desfavorável, certa boa vontade para a aplicação, mas sem saber o que dizer e o que fazer. É provável seja justamente esta a posição mais generalizada: o desejo de aceitar e de se acomodar a uma linha, mas a impossibilidade prática ou grande dificuldade de fazê-lo.

Por quê?

Não acredito absolutamente que aqui deva vir à tona o clássico lugar bíblico do “povo de dura cerviz”, refratário aos valores espirituais e infiel a seu Profeta. Na Família Paulina, colocada no caminho de novas e difíceis tentativas apostólicas, houve sempre uma notável adesão, cheia de impulso e capaz de muitos e generosos sacrifícios. A história paulina, embora atravessasse justas crises, não deixa dúvida a este respeito.

Então? Os motivos podem ser vários. Tratava-se de um princípio espiritual votado a tal densidade de conteúdo que exigia um estudo e um cabedal muito claro. Ninguém tinha elementos para fazê-lo; recebia certa enunciação, certa fórmula, nada mais. Pe. Alberione tinha em si mesmo a intuição de uma exigência e de um princípio que lhe correspondia e o afirmou decididamente, sempre, a todos. Mas, uma ideia, para imbuir uma vida e orientar até suas projeções apostólicas, deve penetrar com clareza e graça no íntimo do espírito

e tornar-se aí luz e força pessoal; enquanto isto não acontecer, existe mais ou menos um estado violento com as conseqüentes reações psicológicas.

Muitas coisas tornaram esta aquisição difícil; certa nebulosidade de conceitos, como já se disse; a multiplicação de aparentes contrasensos ou de enigmas espirituais, por exemplo, a afirmação apresentada como válida de que “Caminho, Verdade e Vida” é simplesmente o espírito de são Paulo, embora são Paulo não cite de fato estes três termos; ou o contínuo intercâmbio entre “mestre” e “Caminho, Verdade e Vida”, como se fossem conceitos reversíveis, enquanto não é possível conhecer, nem admitir a reciprocidade; as insistências cada vez mais maciças e menos arrazoadas, da parte também de intermediários, sobre o uso do método, sem uma ideia fundamental para se lhe captar o valor; a impropriedade das aplicações práticas, seja no campo espiritual, seja – e mais ainda – no apostolado das edições. Onde jamais se tornou evidente alguma iniciativa apostólica que significasse “Caminho, Verdade e Vida”, a não ser em uma ou outra tentativa catequética, ou algum título de livro ou em determinada biografia, no decênio de 1930, na qual entre os capítulos da vida de um santo se inseriam, mais ou menos a propósito, páginas bíblicas? Eis, pois, a sensação prática, difícil de se desfazer, de uma falta de conteúdo sob a fórmula evangélica proposta como princípio energético e organizador de valor absoluto.

Devemos, pois, falar de carência de adequação doutrinal e psicológica da parte do Profeta que não pôde tornar totalmente clara e aceitável a sua exposição sobre um tema apresentado como essencial? Ou de uma reação normal do senso comum diante de uma novidade espiritual não usada por outros na Igreja? Ou não estavam os tempos ainda objetivamente maduros, sendo sabido que uma realidade espiritual só é seguramente adquirida quando houver passado por um trabalho crítico-positivo – individual e coletivo – fecundado pela ação do Espírito? Ou faltaram porventura as verificações experimentais, através das quais a cisão “Caminho, Verdade e Vida” pudesse

demonstrar-se válida para as necessidades específicas de nosso tempo? Ou ainda, o cunho prático obtido bastante depressa pelas iniciativas apostólicas paulinas – com as obrigações industriais, comerciais e administrativas que cedo ou tarde impõe sua lei – assim como condicionou negativamente o desenvolvimento de nossa cultura, tenha talvez condicionado também os valores espirituais e suas expressões, até pô-los em surdina? É possível que seja tudo isto junto.

O fato é simplesmente o seguinte: A respeito do tema cristológico básico, sobre o qual Pe. Alberione alicerçou literalmente o sentido e o futuro de sua fundação, a Família Paulina se mostra perplexa e silenciosa.

Poder-se-ia cogitar também – querendo manifestar cruamente um pensamento talvez difuso no subconsciente paulino – de que na afirmação e no legado prático da espiritualidade “Caminho, Verdade e Vida” haja desempenhado um papel decisivo a estrutura psicológica de Pe. Alberione, capaz de afeiçoar-se profundamente a um modo de ver e de agir pessoal e tenaz em levá-lo avante – se necessário contra todas as evidências – *usque in finem*?

Fruto prevalente da personalidade do Pe. Alberione?

Devemos refletir a este respeito sem prevenções.

Cristo, Caminho, Verdade e Vida, é uma profunda impressão dos primeiros e mais claros momentos espirituais do jovem Alberione: Grava-se em sua alma que se está abrindo e arraiga-se em sua vida. Aquele princípio adquire gradualmente proporções, entrosa-se em todas as dimensões de seu pensamento e de sua atividade e cresce, dos 16 aos 87 anos.

Certa mentalidade sintético-esquemática que assoma em todas as manifestações de Pe. Alberione, sente-se perfeitamente à vontade com a “trilogia” de João e com ela trabalha com alento e com gosto. Sabemos que tudo passou pelo esquema do trinômio: desde a Sma. Trindade às virtudes teologais, às faculdades do homem, às obriga-

ções do apostolado paulino, à tríplice atitude diante de um santo a quem devemos “conhecer – imitar – suplicar”, e até às intenções do Concílio Vaticano II, que serão três, substancialmente...

Terá sido tentada alguma averiguação a respeito, na realidade da vida ou nos reflexos psicológicos de quem devia passar pela tríplice dimensão em cada um de seus atos e momentos? Não se sentiu absolutamente tal necessidade. O supracitado princípio não resume todo o Evangelho? Deve, pois, ser excelente para todos.

Os termos das explicações que estou fazendo são bem duros, compreendendo-os, mas não são sem fundamento em fatos e palavras:

“A devoção que temos ao divino Mestre, caminho, Verdade e Vida, é a única! A devoção cristã, a devosão religiosa!

Há várias escolas de espiritualidade, mais ou menos uma quinzena: a dominicana, a franciscana, a salesiana etc. Nós tomamo-las todas juntas, porque elas só se aplicam a uma parte do Evangelho. Nós, ao invés, tomamo-lo todo inteiro! Não perder tempo com demasiados livros, demasiadas direções espirituais, em querer todos os conselhos. Almas complicadas, que jamais sossegam...” (Pr DM 108).

Assim por diante, com uma linguagem que, se deixa perceber resistência de alguma parte do auditório, não exalta sempre o esforço de um suave e refinado trabalho doutrinal e psicológico, consciente das leis profundas do espírito humano e generoso em dar, como em atender.

Parece-me verdade e não receio afirmar que, na escassez de traços incisivos de espiritualidade paulina, em muitos membros de nossa Família religiosa pode também ter desempenhado papel não pequeno o contexto e o modo psicológico da afirmação. Doutro lado, é igualmente verdade que algumas características pessoais do homem Alberione tenham tido notável papel no fato de se encaminhar,

acertar e levar resolutamente avante a sentença “Caminho, Verdade e Vida”.

Não creio, porém, que tal papel tenha entrado, pouco ou muito, no puro e simples programa da espiritualidade, Cristo, Caminho, Verdade e Vida. Esta escolha tem outra proveniência e dimensões de natureza diversa.

Uma exigência do Espírito?

Fiz aqui, entre *origem e desenvolvimento* desta forma espiritual, uma distinção que me parece indispensável e decisiva. Parece-me legítima e obrigatória a passagem ao que a consegue. Transferimo-nos, de fato, do campo caracterológico e existencial ao da história cristã, na qual age o Espírito de Deus, por intermédio dos homens. Pe. Alberione faz parte desta história.

As palavras do Evangelho são sempre luz e força dinâmica que exige aplicação prática na orientação de nosso pensamento, de nosso amor e de nossa ação. A palavra “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”, especificamente, apresenta em si tamanha capacidade de síntese e de impulso que requer efetivamente melhor penetração e empenho no caminho dos homens.

Aqui devemos lembrar que o impulso deste “trinômio” foi dado pelo Papa Leão XIII, em vista do século XX e em função de um exame espiritual e pastoral da situação cristã. A Igreja hierárquica era chamada a aprofundar o conteúdo de Jo 14,6 e de deduzir daí as mais amplas consequências. Foi este impulso que despertou em Pe. Alberione o interesse por Cristo, Caminho, Verdade e Vida. A origem do compromisso espiritual por ele transmitido à Família Paulina lhe vem, portanto, da Igreja.

Desde então, até o Concílio Vaticano II – que em alguns rápidos toques deu intencional relevo ao trinômio de são João, como resposta concreta de Cristo às esperanças dos homens (cf. NAE 2 e AG 13) – situa-se o tenaz esforço constituído pelos 65 anos de labuta

pessoal do Pe. Alberione para manter vivo este padrão espiritual e apostólico que emana da pessoa de Cristo e foi sugerido por seu Vigário na terra.

Entretantes, Pe. Alberione é reconhecido pela Igreja como fundador de uma Família religiosa e como portador de uma missão de luminosa relevância para os nossos tempos. Há, pois, dimensões que ultrapassam os traços pessoais de um homem, para inscrever-se na história. A atitude crítica de nossa pesquisa leva-o em conta. Pe. Alberione entra no cenário da Igreja como o humilde, mas eficaz instrumento de uma exigência apostólica da parte de Deus, e a apresentação de todos os aspectos essenciais de sua obra pelo trinômio de Jo 14,6 recebe repetidamente o selo da Sé Apostólica.

A esta luz, sob a qual a Família Paulina nasceu e cresceu, impõe-se-nos uma avaliação diversa também dos recursos pessoais do Pe. Alberione. Ele, juntamente com o momento da graça com o qual foi favorecido no início do século e com as características pessoais de firmeza, de fidelidade a si mesmo e de tenacidade contra tudo, conforme se disse, aparece-nos agora como o veículo apropriado para assegurar à Igreja uma ideia cristã posta em primeiro plano pelo Espírito. Pe. Alberione assegurou-a a seu modo.

Neste seu esforço, influíram, além das características pessoais apontadas, vários outros elementos. À intervenção do papa, que propõe um tema, corresponde em Pe. Alberione uma disponibilidade absoluta, antes um *voto de obediência ao Papa*. A fidelidade ao Papa, na elaboração da espiritualidade paulina, teve papel essencial. Mais ainda: Com o programa espiritual “Caminho, Verdade e Vida” oferece-se ao seu pensamento uma nascente necessidade da Igreja. As massas estão cada vez mais longe do influxo de Cristo; deverão ser atingidas não apenas mediante novas formas de apostolado, mas de maneira tão integral que lhes garanta a eficácia pastoral. Não corresponde a isto a exortação leonina sobre os “três princípios de salvação” expressos por Cristo “Caminho, Verdade e Vida”? Eis, pois, que se apresentam simultaneamente uma exigência apostólica

e um apropriado dispositivo espiritual que parece ser-lhe conveniente. Ainda mais, há no caráter de Pe. Alberione a disposição nativa de nada deixar só em teoria, mas traduzir tudo em ação. A intuição espiritual que lhe havia sido sugerido à luz do Evangelho e da indicação do Papa, será, portanto, levada avante por ele, apesar de incompreensões e de inevitáveis imperfeições, mas será levada avante “concretamente”.

Pelos fatos da vida e pelas qualidades pessoais de Pe. Alberione, podemos, pois, presumir, sim, que sua personalidade desempenhou papel decisivo relativamente à espiritualidade de Cristo “Caminho, Verdade e Vida”, mas como instrumento do Espírito.

Um germe fecundo para a Igreja?

Podemos nós dizer com certeza que o Espírito Santo destinou tal palavra de Cristo às exigências específicas da Igreja em nosso tempo?

O modo como esta palavra foi introduzida no cenário da Igreja deixá-lo-ia supor. Pe. Alberione, de seu lado, sentiu que as consequências de uma séria conexão com Cristo, Caminho, Verdade e Vida, deveriam ser de “grande proveito espiritual para as almas e corresponder às necessidades espirituais do homem” (cf. DM 80). No último capítulo deste estudo (cap. 13), procurar-se-á traçar certo quadro das relações existentes entre os postulados da espiritualidade paulina e a situação cristã de hoje. Não poderiam faltar alguns indícios de valor.

Mas, antes de adentrarmos nesta exposição, devemos fazer *uma reserva*, frequente também entre nós, acerca do valor discutido de uma “espiritualidade”. A pergunta apresentada, às vezes um pouco enfastiante, é a seguinte: Se apoiarmos tudo em determinada forma espiritual, não nos afastaremos, talvez, da espiritualidade do Povo de Deus, acabando além disso por ofuscar a Pessoa e o mistério de Cristo por detrás de uma cortina ou de uma redução a poucas palavras?

Ventilamos assim toda a história e o sentido da espiritualidade cristã.

O que são, pois, as espiritualidades, contra as quais também Pe. Alberione se levantou, de lança em riste, sem talvez ter percebido que, por sua vez, estava criando também uma?

As várias espiritualidades cristãs são uma sucessão de tentativas humanas de aproximação ao mistério ou à “plenitude” de Cristo, servindo-se de momentos da revelação que correspondem mais diretamente a uma mentalidade ou a uma específica necessidade de vida e de ação na qual os cristãos se encontrem no decorrer da história. Procuram elas sempre inspiração no Evangelho de Cristo, e lá encontram a resposta adequada.

A própria Bíblia mostra-nos esta atitude de necessidade e de escolha, em relação a Cristo. A espiritualidade de são Mateus inspira-se numa situação totalmente diferente do que a de são Paulo; mas, em um e outro caso, embora com perspectivas muito diversas, trata-se sempre do mistério de Cristo. A espiritualidade de são João é bem distinta da espiritualidade da epístola aos Hebreus; esta última situa-se do ponto de vista sacerdotal e litúrgico, enquanto são João conhece profundamente os conceitos do Verbo, luz, amor e vida. Cada um aproxima-se do mistério de Cristo segundo a própria mentalidade e impelido por necessidades ou ambientes diversos. Os iniciadores de movimentos cristãos – como, por exemplo, os fundadores – hauriram profunda e tenaz inspiração em algum princípio evangélico que penetrava em todas as suas dimensões vitais. “Inteiro” é Cristo que corresponde à espiritualidade do deserto e da contemplação; “inteiro”, mas diverso é Cristo, que impele para os caminhos do mundo e estimula a ganhar homens para sua escola. E Paulo VI, em nosso tempo, sentiu muito claramente a falta de uma espiritualidade cristã adaptada ao “operário” (15-5-1965). É sempre Cristo em seu mistério; mas, diferente é a mentalidade e a situação histórica ou humana que enfrentar e por isso diversifica-se do ponto espontâneo de acesso a Cristo.

Eis o sentido e a causa de serem indispensáveis as formas espirituais na única Igreja de Cristo.

A isto acrescentaremos mais outras considerações que parecem importantes. Um princípio espiritual que invade uma vida, torna-se uma força decisiva; tem a capacidade de dar um impulso total ao homem e de pô-lo à vontade na tarefa cristã à qual é destinado. Este princípio converte-se na moldura de sua vida. Quando falta um ponto de vista exato, perdemos o tom e, caindo no genérico, raramente permanecemos incisivos. Além disso, uma visão evangélica capaz de focalizar os diversos aspectos de uma vida e de uma ação converte-se em ponto de confluência no qual se unifica toda a cambiante realidade da própria existência; pode, portanto, um princípio espiritual tornar-se o verdadeiro centro de unificação e de visão da realidade. Ainda mais, quando trabalhamos em grupo e em vista da mesma necessidade apostólica, a presença de um idêntico tema cristológico pode converter-se em ponto de orientação comum, fusão profunda de muitas energias humanas e força incomparável para a ação cristã, para cuja promoção na história somos chamados.

Poderia Cristo “Caminho, Verdade e Vida”, como foi encarado pelo Pe. Alberione, inspirar energias e unificá-las em prol das necessidades do tempo atual da Igreja? Será um germe fecundo no terreno da humanidade?

É bem provável. Mas, qual a visão exata do Pe. Alberione? Eis o ponto decisivo de nossa espiritualidade, e propriamente aquele que Pe. Alberione jamais conseguiu transmitir-nos com total clareza; e, no entanto, precisamos compreendê-lo. Só assim superar-se-á o nó dialético que embaraçou a Família Paulina em seu primeiro acesso a Cristo, Caminho, Verdade e Vida.

Uma vez, falando às Irmãs Pastorinhas, Pe. Alberione fazia esta confidência:

“Não sei se já vo-lo disse. Do Natal de 1900 até janeiro de 1901, foi pregada pela primeira vez esta devoção a todos nós,

clérigos, pelo Reitor do Seminário, que nutria particular amor a Jesus; quando nos falava, falava sempre dele.

No fim, tive uma espécie de revelação. Compreendi que esta prática *abrangia toda a vida do homem* e experimentei o desejo de que todos conhecessem, praticassem e vivessem esta devoção. Comunicar e transmitir o bem é o mais belo dom que se pode fazer a quem se ama” (PA I, 12).

É preciso ter bem presente esta “revelação” – alguma coisa que se “apodera de toda a vida do homem” – e compará-la com a impressão final na primeira noite deste século, quando se definiu sua vocação:

“Permanecia, no fundo, o pensamento de que é necessário *desenvolver toda a personalidade humana* para a própria salvação e para um apostolado mais fecundo: mente, vontade, coração” (AD 22).

Eis em resumo: Cristo, Caminho, Verdade e Vida, apresentação mais ampla e complexa de quanto reclamava naquele momento o diálogo de Cristo com os apóstolos (cf. Jo 14), associa-se, na intuição do Pe. Alberione à ampliação e à complexidade da *peessoa humana* que, se quer ir para o Pai (chegar à maturidade de “filho de Deus”), deve ser invadida por Cristo, em todas as suas faculdades vitais (mente – vontade – coração). Se o homem não é unificado em todas as suas dimensões, não cresce, visto que não assume os traços do “Filho”. Qual é, portanto, o meio de pôr em comunhão esta complexidade de Cristo com a complexidade do homem? Evidentemente deve haver pontos de contato ou de passagem. E os há de fato. Cristo se comunica como doutrina (verdade), como ação e como comportamento (caminho), como auxílio e graça para as impossibilidades humanas (vida). O homem, de sua parte, tem a capacidade de aderir a Cristo, crendo e pensando (mente), imitando ou seguindo praticamente o

caminho de Cristo (vontade), orando e amando (coração, comunhão com Cristo).

A correspondência deve ser integral; então a pessoa cresce, salva-se transfigurando-se em Cristo, e torna-se capaz para o apostolado.

E que é o apostolado? É fazer e transmitir com plenitude quanto se acaba de dizer; se não for assim, enganamo-nos a nós mesmos e enganamos os outros. Ou se cuida do homem todo, ou “as almas se tornam inquietas”, disse com agudeza Pe. Alberione (cf. Pr RE 365). Ou levamos a mãos cheias, sempre em conjunto e de modo equilibrado, “dogma – moral – culto”, isto é, a totalidade da proposta cristã, ou o cristianismo não é verdadeiro e se dissolve, ineficaz, nos espíritos e no mundo. O “memoriale” ou o “método” Caminho, Verdade e Vida quer manter sempre bem vivos esta exigência e estes conceitos.

Podemos ainda pôr à parte o jogo da trilogia, no qual Pe. Alberione insiste com tanto empenho; mas se consideramos o mencionado apelo com penetração e seriedade, também ele pode tornar-se um “memoriale” de integralidade de grande eficácia.

Estas são, em poucas palavras, a visão e a aplicação prática que Pe. Alberione faz do lema “Caminho, Verdade e Vida”, que constituiu o labor mais profundo de sua vida. Um germe fecundo, segundo o caminhar da Igreja: Aproximar Cristo “todo” da “pessoa” humana.

Mas, então, não se poderia exprimir tudo por um só termo inequívoco e de suficiente compreensão moderna, como o da “integralidade”, ou se preferirmos, de “autenticidade” cristã?

Sim e não. Sim, porque a integralidade ou a autenticidade exprimem a intenção essencial da espiritualidade “Caminho, Verdade e Vida” em todos os seus sentidos e direções. Não, porque são termos abstratos e, de per si, dissociados de Cristo e da história.

“Caminho, Verdade e Vida” significa valores da história humana (de toda a história e procura humanas, por longas e profundas que sejam), mas valores *feitos Pessoa*, isto é, *encarnados* em Cristo, que os levou à *medida de homem*: “*Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida*”.

Assim, feitos concretos, até pessoa, estes valores são postos à disposição da Família humana. E quem os usa para a própria síntese espiritual, sabe fundamentar-se em Cristo e pôr-se no sentido da história.

Retomemos agora nossa pergunta. Podemos com a devida razão dizer que o Espírito Santo destinou tal Palavra de Cristo às exigências da Igreja de nosso tempo? Respondo aqui com uma só indicação, remetendo para o restante ao capítulo 13. Encontramo-nos na grande e nova época das *comunicações sociais*, com o problema da *integralidade do homem* que esta propõe direta e perigosamente. Pode esta época dar uma idônea resposta cristã numa atitude espiritual que inteiramente tenda à integralidade, como pretende ser em si a espiritualidade “Caminho, Verdade e Vida”? Podem os apóstolos que trabalham com os instrumentos das comunicações sociais e os cristãos que tendem a tomar consciência de quanto sucede em torno de si, neles inspirar-se sob todos os aspectos e unificar por meio deles firmemente suas vidas, tornando-se assim aptos para fazerem convergir os recursos de tais instrumentos para a salvação integral da pessoa humana? Este é o nexos que une solidamente esta espiritualidade ao apostolado dos tempos modernos.

Mas, então, que temos de fazer?

Receber ou criar?

Encontramo-nos exatamente no ponto de “entrever quanto é amplamente promissora a nova era espacial das comunicações sociais”, de modo que estes instrumentos são “destinados, segundo o desígnio da Providência, a estreitar os vínculos de fraternidade entre os homens para torná-los colaboradores de seu plano de salvação”. Esta é a perspectiva diante da qual nos põe a Instrução Pontifícia “*Communio et progressio*” (n. 187, n. 2).

Pe. Alberione havia visto despontar, desde o início do século, esta “nova era”, definida com tal perspectiva otimista por um documento eclesial de 1971, e tinha procurado adaptar a ela a pastoral católica

com uma criação que se encaminhava a tornar-se “o apostolado com os meios de comunicação social”.

Foi desde então que ele experimentou espiritualmente tal apostolado em si mesmo e o foi enquadrando em sua equilibrada visão de “Cristo, Caminho, Verdade e Vida”. Estava certo de que nada de eficaz se criaria, se prescindisse da totalidade desta visão, e foi-nos transmitindo dia após dia a sua certeza.

Disse que semelhante apostolado deve ter a seguinte “marca característica: penetração, assimilação e ilustração do trinômio evangélico: ‘Caminho, Verdade e Vida’” (AE 445).

Disse-o do jornal:

“Tenha o jornal católico como lema o programa evangélico compendiado no trinômio ‘Caminho, Verdade e Vida’, ou seja, forme as mentes, as vontades e os corações segundo a fé e a moral evangélica” (AE 287-288).

Disse-o do rádio:

“Faço votos de que depressa possamos usar este meio rapidíssimo e eficaz para fazer conhecer Jesus Cristo, que é Caminho, Verdade e Vida” (CISP 976).

E ainda de todos os meios de comunicação social:

“Os meios de evangdização são vários, mas o método é um só: dar Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida” (CISP 1042).

E quanto à nossa relação com Cristo, indispensável para podermos acionar estes instrumentos em favor do homem, disse-nos:

“E da vontade de Deus que cultivemos a piedade de acordo com o método Caminho, Verdade e Vida” (MV n. 8).

Então, o que havemos de fazer? Evidentemente, temos de *receber* tal vínculo com Cristo, perscrutando-lhe o conteúdo, avaliando-lhe a plenitude e acolhendo a intenção do Fundador de nossa Família religiosa.

Se necessário, precisaremos *reconciliar-nos* serenamente com a divisa “Caminho, Verdade e Vida” .

“Receber” significa dar importância a uma Palavra de Cristo, a uma sugestão da Igreja, à mais intencional instância do nosso Fundador. Mas não quer dizer “receber um rótulo”, nem usá-la como tal; do contrário, não teríamos recebido nada e a rejeitaríamos.

Receber, então, o quê? O sentido deste lema, evocador das dimensões de *Cristo*, das dimensões do *homem* e das dimensões da *ação apostólica*. Recebendo-a nesta visão panorâmica, sentir-nos-emos unidos em tudo, com liame verdadeiro e dinâmico, ao mistério de Cristo, de modo que corresponderá à extraordinária aceleração do movimento humano neste período da história.

Mas, daqui para lá, *tudo há de ser criado*. O que, por exemplo? Um forte estudo, entre nós, do homem, da pessoa, para fazê-la aderir de modo justo e psicologicamente válido à totalidade de Cristo; uma apaixonada busca e experiência “pessoal” de como fazer agir *em nós* a plenitude dos aspectos de Cristo; um conhecimento mais amplo e apostolicamente mais eficaz – com a indispensável ajuda de são Paulo – de algo que está contido positivamente na grande síntese de Cristo, Caminho, Verdade e Vida, em ordem à liberação e ao crescimento humano e, enfim, uma verdadeira força de inventiva cristã, sempre difícil, sempre nova, sempre um desafio a nossa identidade apostólica, a fim de que o jornal, o rádio, o cinema, a livraria, o centro litúrgico, os vários contatos da Família Paulina com os homens, sejam uma realização consciente e adequada do princípio “Caminho, Verdade e Vida”, para não nos expormos a não servir com equilíbrio aos homens que de nós esperam receber Cristo.

Pe. Alberione propôs. Nós, pessoalmente, mas também em esforço comunitário (diálogos, pesquisas, comunicações, talvez congressos sobre o tema) devemos criar, à disposição da Igreja, o serviço para os tempos novos, inspirado em Cristo, Caminho, Verdade e Vida.

Este trabalho

Os treze capítulos que se seguem e o apêndice de nosso Dom Mike Byrnes, procuram situar-se neste duplo intento: receber e criar.

De um lado expõem, por meio de textos que pareceram mais idôneos, o pensamento do Pe. Alberione sobre o tema “Caminho, Verdade e Vida” e sobre as diversas direções nas quais ele o levou. Para *assimilar* convenientemente sua intenção, mister se fará conhecê-la o mais possível. Visam a tal fim os capítulos 4º e 12º.

Dissemos ser necessário *criar*. Para tal, embora apoiando-nos sobretudo nas intenções de Pe. Alberione, devemos empenhar-nos por alargar os espaços e a ductilidade das aplicações. Por conseguinte, neste trabalho propusemo-nos ler Cristo “Caminho, Verdade e Vida” no contexto escriturístico do qual faz parte, para lhe captarmos o sentido original dos lábios de Cristo (cap. 1º); além disto, procuramos submeter à atenção comum, com alguma abundância, o esforço de alguns grandes Padres da História cristã, para apreendermos os valores contidos no trinômio de João (cap. 2º); e, como a intuição de Pe. Alberione foi produzida por uma encíclica do Papa Leão XIII, serão dadas informações sobre as páginas da *Tametsi futura*, com os oportunos relevos para lhes colhermos o valor (cap. 3º). No fim (cap. 13º), tentar-se-á uma indicação a respeito da validade desta espiritualidade para nosso tempo, a serviço da Igreja.

O apêndice, constituído de um atento estudo de Dom Mike Byrnes, informar-nos-á sobre o exato sentido bíblico de Jo 14,6 e sobre várias interpretações já feitas.

Estas informações poderão permitir, a quem o desejar, colocar-se com a indispensável abertura e profundidade, diante da declaração de Jesus Cristo: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”.

Uma palavra em marcha

Tudo isto foi encarado sob a perspectiva histórica. O que está acontecendo entre nós, tem o sentido de um forte e interessante movimento histórico da Palavra de Deus em Jo 14,6 que, das páginas de João, passando pelas reflexões de grandes cristãos e pelo impulso do Papa Leão XIII, na aurora do século XX, encontrou agora, com Pe. Alberione, vinculação com a vida de muitas pessoas e, mediante o apostolado dos meios modernos, a possibilidade de grande percurso ao longo do caminhar dos homens.

A Família Paulina está votada a este movimento e dele será responsável:

“Que Cristo, Caminho, Verdade e Vida, reine no mundo, é para a Família Paulina ampla tarefa e responsabilidade” (AD 63).

É por isso que ao terceiro tema dos “Pontos de referência de nossa vida espiritual” foi dado o título: A Família Paulina nas pegadas de uma Palavra de Deus: Jo 14,6 “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”.

Sac. Giovanni Roatta

**FONTES E SIGLAS
DAS CITAÇÕES DOS ESCRITOS
DE PE. TIAGO ALBERIONE**

1. AD – Abundantes divitiae (Roma 1971)
 2. AE – L'Apostolato dell'Edizione (Alba 1944)
 3. AP – L'Apostolo Paolo modello di vita spirituale (Roma 1972)
 4. BM – Brevi meditazioni per ogni giorno dell'anno (Roma 1948: volumi 1-11).
 5. CISP – Carissimi in san Paolo (Roma 1971)
 6. DF – Donec formetur Christus in vobis (Alba 1932)
 7. HM – Haec meditare (serie di esercizi e ritiri in 8 volumi alle Figlie di san Paolo Roma)
 8. IA – Ipsum audite (serie di ritiri e di meditazioni alle PD, in 5 volumi – Alba-Roma)
 9. LdP – Libro delle preghiere paoline (Ostia 1968)
 10. MV – Mihi vivere Christus est (Alba 1972)
 11. PA – Prediche alle Suore Pastorelle (Albano Ostia 1961-1964, voll. I-II)
 12. Pr A... – Collezione ciclostilata FSP, archivio della Casa Generalizia, Via Laurentina, Roma (ex Grottaferrata), raggruppata per argomenti:
A (apostolato) – *AV* (apostolato vitale) – *B* (Bibbia) – *C* (cinema) – *CO* (Cooperatori) – *CS* (costituzioni) – *D* (diffusione) – *DM* (Divin Maestro) – *E* (esame di coscienza) – *ES* (esercizi spirituali) – *LB* (lettura biblica) – *RA* (Regina apostolorum) – *RE* (redazione) – *RT* (radio-televisione) – *S* (stampa) – *SP* (san Paolo) – *SR* (santità religiosa) – *TA* (tempo di avvento) – *TQ* (tempo di quaresima) – *UP* (umiltà e altre virtù) – *V* (Visita al SS.mo) – *VG* (voti in generale) – *VI* (vita comune) – *VO* (voto di obbedienza) – *VP* (voto di povertà) – *VT* (vita interiore) – *VV* (voto di verginità)
 13. RdA – Maria Regina degli Apostoli (Albano 1954)
 14. SV – Si vis perfectus esse (Esercizi ai chierici – Alba 1933)
 15. UPS – Ut perfectus sit homo Dei (4 voll. – Albano-Ostia 1960-1962)